

## Da alegria e da responsabilidade de tornar pública a voz de Paulo Bertran

Outubro/2011

Boa noite a todas as pessoas presentes.

Como diretora da Editora Universidade de Brasília, agradeço a presença de vocês aqui, nesta cerimônia em homenagem a Paulo Bertran, que inclui o lançamento do seu livro “História da Terra e do Homem no Planalto Central”. Não podendo estar fisicamente presente, apresento-me aqui, por meio de minhas palavras, para tornar pública esta reedição de obra tão grandiosa.

Quando, no final dos anos 90, nos mudamos do interior de São Paulo para Brasília, vivemos um processo de mudança do olhar. De cidades com ruas estreitas e esquinas, com calçadas cheias de gente, para quem esbanjávamos cumprimentos: “Bom dia! Oi! Tudo bem?” para uma cidade tão ampla, com ruas-avenidas tão largas e longas e vazias, tivemos que redesenhar o esboço do que se caracteriza como cidade, como espaço público. Brasília – cidade vestida de branco em seus monumentos imponentes, com carros oficiais circulando pelos eixos que percorrem suas asas, nos fazia voar alto, nos colocando no quintal dos palácios, tornando-nos íntimos de poderosos. Aprendemos a encher a boca para falar: “Moramos em Brasília!” Difícil a mudança, a solidão do início, o desconhecimento das regras de circulação, achando tudo igual a tudo... Quase vinte anos no processo de nos enraizarmos na capital, na Universidade de Brasília, tem sido um tempo de construção de uma nova maneira de viver, de amar o lugar e as pessoas, de percorrer caminhos já traçados e de nos tornarmos cidadãos que temos ajudado a redesenhar percursos,

a esbanjar experiência, a adotar como nossa esta cidade principal, capital.

Pois bem: fomos acolhidos não só por pessoas, por nossas vivências efetivas, pela Universidade, mas, o que queremos ressaltar aqui, pelo “Bertran” com que nos presenteou um amigo: “Querem conhecer mesmo este lugar e aprender a amá-lo? Leiam este livro!” Era um livro de história. Da “História da Terra e do Homem do Planalto Central”.

Neste evento de lançamento desta nova edição da obra de Paulo Bertran, pelo qual, por sorte, me responsabilizo, quero *sugerir que a acolham* com os olhos e os ouvidos de um estrangeiro, de uma criança.

**História** - o título nos promete uma história. Somos ávidos de histórias. Poucos as ouvimos. Pouco as contamos. Há muito tempo não viajamos, por meio de nossa imaginação, a lugares e tempos distantes, embalados pela voz de nossos pais, avós, professores, amigos. As histórias que falam de nosso cotidiano, das experiências que vivemos, são caladas por aparelhos que emitem uma luz forte e nos deixam prostrados assistindo a vida que nos mostram, num discurso imagético, intercalado de promessas de como nos tornarmos mais jovens, mais inteligentes, mais atraentes. E, iludidos pela proposta de nos tornarmos quem-não-somos, gastamos nosso tempo, adormecendo, sonhando no sofá, com mundos-dos-outros-e-para-os-outros.

A história que Bertran nos conta nos tira da condição de espectadores e nos torna atores de

nossa própria história: uma história que fala dos primórdios de nossa terra, de nosso lugar, do lugar que fazemos nosso, que nos abriga em nosso cotidiano.

**História da Terra e do Homem** - Para alguém do momento presente, agitado, tecnológico, cheio de recursos que o progresso da ciência nos tem oferecido, um momento inaugural suposto: quando não existíamos, quando não existiam as organizações sociais, quando não existiam nossos antepassados humanos, quando não existiam os animais, nem os vegetais... Um recuo de milhões de anos, nos dissolve e a nosso mundo conhecido, reduzindo tudo a um nada, a um começo, num exercício que nos convida a fazer algo como uma brincadeira de faz-de-conta das crianças.

Uma brincadeira que nos parece tão de-verdade, esta de que a ciência – a geologia, a geografia, a história, a botânica, a zoologia, a sociologia, a psicologia – construída é apresentada por Bertran nos faz brincar.

Dessa brincadeira, fazem parte desbravadores, ninfas, historiadores, literatos, políticos, e mapas, fotografias, esboços, num cenário desconhecido, original, em que ecoam expressões da língua nunca ouvidas e se nos apresenta, cru, um mundo ainda sem nome.

**História da Terra e do Homem no Planato Central:** um lugar que desperta a estranheza do nunca visto, do nunca vivido, ou do vivido e povoado pelo outro, pelo humano desconhecido. Ao olhar do colonizador, o erro, o escasso, o campo de desbravamento, de modificações. No seio mesmo do lugar, o equilíbrio entre o mundo mineral, o vegetal, o animal e o humano. Práticas, ferramentas,

rituais e comunidades em diálogo tão afinado, num diapasão que o mundo civilizado não teve a capacidade de ouvir durante muito tempo.

Surdos. Cegos. Temos sido insensíveis ao diferente. Fomos acostumados a brincar sempre da mesma brincadeira (que aprendemos que deve ser a mesma para todos os habitantes do planeta), a olhar o mapa do mundo com o Norte acima, superior, a nos esforçarmos para falar a língua e apreciar a estética do colonizador, a seguir os preceitos éticos, a religião, os costumes e a organização política do norte ocidental.

A brincadeira que Paulo Bertran nos oferece, com a leitura de seu livro, é aquela que nos torna estrangeiros em nossa própria terra, que nos distancia, em imaginação, de nós mesmos, no tempo e no espaço, e nos propõe que adotemos nosso passado histórico e geológico, que suspendamos nossas verdades pré-estabelecidas e recomeçemos a nos reconhecer, agora com a atitude da criança que olha o mundo e a si mesma pela primeira vez.

A ciência que Paulo Bertran nos oferece, e com a qual – ciência multidisciplinar – nos reapresenta nosso mundo e a nos mesmos, é uma ciência que prima pelo cuidado metodológico, pela erudição, sem se descuidar da imaginação, da criação, fazendo escolhas e compromissos éticos e políticos, e não apenas epistemológicos. Ele, como historiador, é filósofo, é poeta. Nos convida a imaginar, a brincar, a sermos, com ele e como ele, crianças.

Agora, já podemos brincar.

Obrigada.

lúcia.